

Revisitando as reminiscências de uma experiência etnográfica (La Grand-Combe, França)

Cornelia Eckert¹³

Germinal, o início de um projeto acadêmico

Em 1983, eu entreguei um projeto de mestrado de Antropologia na UFRGS (Porto Alegre, Brasil) para meu orientador, Ruben George Oliven. O tema tratava da luta de trabalhadores rurais e das manifestações de cunho religioso dos sem-terra. Ruben explicou que ele se considerava um antropólogo urbano e que preferia orientar sobre grupos urbanos (Ruben Oliven, 1983), já que outros colegas eram especialistas em movimentos rurais, e me desafiou: traga seus trabalhadores para a cidade, e eu oriento. Intrigada com o desafio, considerei muita coincidência estar, naquele momento, lendo *Germinal*, de Émile Zola (publicado em 1885), e ter uma amiga que morava em Charqueadas (RS), cidade de mineração de carvão, que eu visitava esporadicamente e que certamente poderia me ajudar, hospedando-me.¹⁴

Estava muito emocionada com a leitura do romance que tem como contexto uma vila mineira no Norte da França. Zola havia convivido um breve período com as comunidades de trabalhadores e trabalhadoras nas

¹³ Doutora em Antropologia Social, Paris V, Sorbonne, França 1992. Professora titular aposentada do Departamento de Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁴ Residi na casa de Miriam Muller Andriotti e sua mãe por cerca de dois anos, entre idas e vindas de Porto Alegre para Charqueadas, uma viagem de ônibus que durava uma hora.

minas de carvão para conhecer profundamente suas condições de vida e trabalho e a evidente exploração da força de trabalho pelo patrão, que esgotava até a morte seus/suas empregados/as em nome do lucro do capital. O enredo acontece no século XIX e retrata as péssimas condições de trabalho sob o jugo de uma companhia exploradora do carvão. O livro é impactante, e creio que todos que leram ficaram embasbacados com o drama e o sofrimento dos personagens trabalhadores como Boa-Morte, de Montsou, na página 10, que conta que havia sobrevivido a três acidentes nas minas. No tempo retratado, homens, mulheres e crianças ainda trabalhavam nas minas, e as leis trabalhistas mal davam seus primeiros passos. Entre lampejos de *Germinal*, de Zola, de *O Capital*, de Karl Marx, da dissertação de mestrado intitulada *O Vapor do Diabo*, de José Sérgio Leite Lopes (1976), do conceito de *habitus*, de Pierre Bourdieu (1972), do mundo simbólico, seguindo o conceito de fato social total, de Marcel Mauss (1985), e de identidade social, de Claude Lévi-Strauss (1955, 1983), fui armando o arcabouço teórico para a ação etnográfica. Apresentei para o meu orientador um novo universo de pesquisa. Ruben G. Oliven agora aceitara o projeto, dizendo: “Você conseguiu trazer os trabalhadores para a cidade.”

Para o mestrado, pesquisei em duas cidades gaúchas próximas de Porto Alegre (capital do Rio Grande do Sul, Brasil) que produziam carvão, uma no passado, Arroio dos Ratos, e outra na atualidade de então, Charqueadas, onde os mineiros eram empregados pela Copelmi, uma companhia privada de mineração. O resultado foi um estudo que chamei de *os Homens da mina, um estudo das representações e identidade social de uma comunidade mineira de carvão*, defendida em 1985. Na época da defesa da dissertação, eu já havia prestado concurso público e era professora de Antropologia no Departamento de Ciências Sociais, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O Programa de Pós-graduação de Antropologia Social dinamizava-se a passos largos, em especial graças a um programa de intercâmbio com a França, Capes-Cofecub. No âmbito desse projeto de internacionalização, pude, então, desenvolver meu programa de doutoramento na Universidade

de Paris V, na Sorbonne, em Paris, orientada por Jacques Gutwirth e por Antoine Prost, este último um historiador de movimentos sindicais. Expliquei que meu projeto era retornar ao Brasil para a pesquisa de campo em Arroio dos Ratos. Prost desafiou-me a pesquisar em uma cidade de mineração na França, afinal, era o que não faltava naquele país. Sugeri que eu mudasse a minha intenção de pesquisar a crise das cidades industriais e das comunidades de mineiros de carvão no Brasil para a França. Aceitei o desafio.

O estrangeiro, viver no tempo com o Outro

O estrangeiro é o título de um estudo de Georg Simmel (Evaristo Moraes Filho, 1983, p. 182). Este, um sociólogo alemão nascido em Berlim, em 1858, foi o responsável por proliferar ideias sobre o individualismo moderno, a subjetividade e a teoria das formas e conflitos sociais. No âmbito de sua teoria, sua concepção de estrangeiro difere do senso comum e rompe com a perspectiva etnocêntrica do viajante. Ele fala do viajante que chega, fica, interage e compartilha o tempo vivido no novo contexto. Sentimentos de estranhamento e familiarização fundem-se no processo de deslocamento no espaço, no tempo e na hierarquia social, como preconizou Claude Lévi-Strauss (1955, p. 92), “é uma forma específica de interação”, “um tipo específico e positivo de participação”, com objetividade e liberdade, especificaria Simmel (*in* Moraes Filho, 1983, p. 183).

Estudar na França não consistia, em realidade, em inserir-me em um universo muito diferenciado do Brasil. Conhecemos muito bem o quanto somos atravessados pelos valores ocidentais e pela cultura francesa. Mas mergulhar no contexto particular de um grupo a ser estudado implicava ter maior domínio da língua e empenho em interagir e ser recebida nesse contexto. Viver em Paris, minha morada de estudos no primeiro ano de doutoramento, significou a oportunidade de estudar em universidades de qualidade, como a Sorbonne e a Escola de Altos Estudos. Sempre tive inteira consciência desse privilégio, sustentado por uma bolsa de estudos

brasileira, e a cada dia o esforço era responder a esse acordo educacional, superando as dificuldades que um programa de estudos em país estrangeiro possa supor como o enfrentamento à burocracia e, claro, a conquista de uma rede de relações, o que não é muito difícil para quem começa, como eu, interagindo com estudantes dos mais diferentes países do mundo em um curso de línguas para aperfeiçoamento do francês e residindo na cidade universitária.

Esse foi um tempo de participação em muitas disciplinas, algumas obrigatórias, outras optativas, no qual o acesso às matérias com professores notórios e a nomes renomados internacionalmente foi possível (Alain Touraine, Michel Maffesoli, Maurice Godelier, Marc Augé, além de conferências com Pierre Bourdieu, Mary Douglas, Françoise Héritier etc.). Ter aula de introdução ao doutoramento com Georges Balandier, por exemplo, era algo que me emocionava. Ele pedia que trabalhássemos em grupo ou em pares para realizar os exercícios, ocasiões em que pude tecer uma amizade com uma colega libanesa para a vida. O projeto de pesquisa a ser aprovado foi elaborado nesse momento, resultado de muitas leituras orientadas pelos professores. O francês impecável do projeto foi graças a Claude Boustany, minha amiga que dominava vários idiomas. Mas faltava o universo de pesquisa. Eu estava à procura do destino para um enraizamento mais longo para a pesquisa de campo.

Les mineurs de Carmaux, a descoberta de uma aventura

Na minha primeira reunião de orientação (foram somente três, em cinco anos) com Antoine Prost, ele pediu que eu lesse imediatamente *Les mineurs de Carmaux*, 1848-1914, da historiadora Rolande Trespé (1971); dois tomos de mais de mil páginas, sua tese de doutorado a partir de pesquisa sobre as minas de Carmaux, nas proximidades da cidade de Albi, no Tarn. Essa obra estupenda me permitiu mergulhar, a exemplo do romance *Germinal*, nas entranhas do trabalho mineiro de carvão francês. Durante essa leitura, a ênfase nos binômios cidade e trabalho, condições de vida e

família, cultura e crenças ia se complexificando e, cada vez mais, desvendava um estudo que implicaria um dos fundamentos da Antropologia moderna, a análise de um fato social total, como ensinara Marcel Mauss e tal como outros autores sugeriam (Oliver Schwartz, 1990; André Fortin, 1987).



FOTO 1: TIVE A OPORTUNIDADE DE CONHECER ROLANDE TREMPÉ EM UM SIMPÓSIO DE PESQUISADORES SOBRE CIDADES CARBONÍFERAS “MONDE DE LA MINE” EM NORD-PAS DE CALAIS, ABRIL DE 1989.

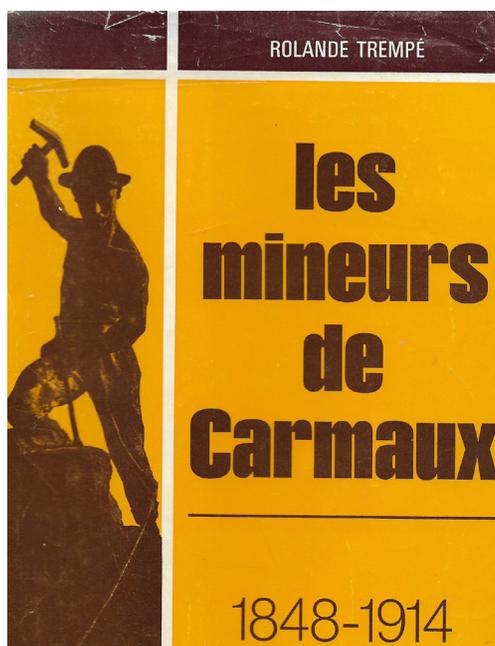


FOTO 2: CAPA DO LIVRO *LES MINEURS DE CARMAUX*.

Na leitura dessa tese, familiarizei-me com o sistema de produção de carvão no século XIX e início do século XX, e não raro a autora se referia ao vínculo entre a cidade e a companhia, no sentido foucaultiano da relação disciplinar (Michel Foucault, 1975), ou goffmaniano da relação total (Erving Goffman, 1983). Na página 262, Tomo I, Treppe trouxe a informação de uma cidade que havia sido criada por uma companhia de mineração na região do Gard. Mais do que qualquer outro lugar, a companhia havia fundado uma cidade com a mesma razão social, La Grand-Combe, e desenvolvido um sistema de companhia com vila operária de grandes proporções. Traduzindo, a autora diz que não somente essa companhia havia se ocupado de construir alojamentos para seus operários, como havia criado toda a infraestrutura econômica e administrativa da comuna de La Grand-Combe, edificando ainda as igrejas, os templos, as escolas, as praças etc. Mencionava o autor de referência de sua citação, Puech, escritor de uma monografia

de 1901. Lembrei-me de Arroio dos Ratos, no Brasil, que vivera no século XIX esses aspectos, e senti que havia encontrado a cidade onde eu queria pesquisar. Descobri na biblioteca da Sorbonne a obra de Puech e cada vez mais me sentia afetada por essa indicação. Além do mais, a região era ao sul da França, embora eu ainda não soubesse que se situava em uma das territorialidades mais belas que tive a oportunidade de conhecer na vida, Cévennes. Eu falo, neste caso, da região, e não da cidade que eu acabara de escolher para estudar.

Finalizei meu projeto de pesquisa com a perspectiva de estudar nesse lugar, a 800 km de Paris. Iniciava-se, então, a organização de como chegar a esse lugar, como morar lá e como entrar na comunidade.

A la une, nos jornais franceses

No processo de me organizar para a aventura antropológica de pesquisa na França profunda, e não mais retornar ao Brasil para a pesquisa participativa (fiquei cinco anos sem retornar ao Brasil), mais uma ou duas surpresas se anunciavam, mesmo ainda estudando em Paris: a grande frequência com que o tema do fechamento das minas de carvão, do destino de trabalhadores do carvão tecnicamente aposentados e da política energética ocupava os jornais franceses. Este tema, não raro, era também grudado à política estatal de estímulo do retorno de imigrantes cooptados no passado, em especial após a Segunda Guerra Mundial, para o trabalho na mina por duas ou mais gerações, para o retorno aos países de origem, como Marrocos e Argélia. Tal política era chamada de retorno ao país (de origem), desenvolvida pelo Estado francês, que objetivava, assim, diminuir o número de trabalhadores imigrantes africanos, que criava um evento crítico (Veena Das, 1995) para os filhos e filhas nascidos na França, pois, excluídos e estigmatizados na França, eram também, da mesma forma, estigmatizados nos países de origem de seus pais ou avós, instaurando um impasse para essa geração de jovens que vivia “entre lugares”, segundo Homi Babha (1998), por nem pertencerem à França nem aos países de origem.

No Brasil, o fechamento das minas esgotadas era um tema pouco publicizado, e eis que, ao comprar o *Le Monde* ou o *Libération*, os jornais que lia cotidianamente, eles traziam uma imensidão de notícias desse porte. Outra notícia frequente era a de o que fazer com as cidades que haviam vivido mais de século da extração do carvão, e que políticas de revitalização os municípios conseguiam operar. Um tema, sobretudo, vinculado ao Ministério das Cidades ou ao Ministério da Cultura, que fomentava a transformação das antigas minas e patrimônio construído pelas companhias em museus do trabalho, museus do carvão, museus tecnológicos, museus da pessoa e revitalização de espaços decadentes com vistas ao consumo turístico de parques, restaurantes, lojas e mercados.

Por fim, mais uma surpresa. Antoine Prost havia sugerido a leitura de algumas biografias de trabalhadores mineiros aposentados. Indicou um romance e uma biografia que comprei na livraria Gilbert Joseph. Mas o espanto foi conhecer uma infinidade de biografias de mineiros de carvão caracterizando um gênero de destacado consumo pelos franceses, seja na forma romaneada, seja na estilística biográfica. Era impossível ler toda essa produção biográfica, mas logo entendi que a literatura biográfica e/ou as narrativas de si (Paul Ricoeur, 1996) não poderiam ser negligenciadas na elaboração da tese.

Golpes de sorte

Chegar no contexto de investigação onde desenvolveria três anos de pesquisa etnográfica, de 1988 a 1990, implicou uma sequência de boas sortes. Residir em casas universitárias, como a Casa do Brasil, em Paris, supunha dividir a cozinha disponível em cada andar. Não raro, apenas se diz bom dia, boa noite, mas, às vezes, o encontro frequente leva à construção de amizades e, finalmente, à partilha de uma refeição coletiva. Foi assim que conheci um técnico agrícola, estudante da Universidade Federal de Santa Maria (RS, Brasil). Conversa vai, conversa vem, ele pergunta sobre meu tema de pesquisa. Contei a ele que estava decidida a pesquisar em La Grand-Combe, que

ainda não conhecia. Ele me surpreendeu, dizendo que acabara de retornar de lá, de um estágio laboral no qual fora recepcionado por uma equipe de técnicos agrícolas de Alès, a capital da região, a 7 km de La Grand-Combe. Não podia acreditar no que estava ouvindo. Perguntei se ele poderia me ajudar a conhecer alguém da região, dar-me indicações de onde morar e por onde começar para me aproximar do grupo a ser pesquisado.

Na mesma hora, ele se dispôs a telefonar para a técnica agrícola que o recepcionara, Béatrice Ladrage. No velho orelhão da casa do Brasil, ligamos para Alès. Era um domingo, e meu mais novo amigo explicou para a técnica, no outro lado da linha, o meu pedido. Ela quis falar comigo, e eu expliquei, ainda insegura com a língua francesa, meu pedido de ajuda. Ela me respondeu para ir para lá e ficar na casa dela. Foi assim que parti para minha primeira viagem à La Grand-Combe. Descobri que a viagem era com trem de alta velocidade até Avignon; para Nîmes, um trem, digamos, normal e, por fim, o trecho para Alès em um velho trem. Estava nervosa para saber como encontraria Béatrice. Não me passou pela cabeça escrever um cartaz com o nome dela. Chegando a Alès, Béatrice me aguardava na estação com um cartaz com meu nome escrito e me levou para sua casa. Por um mês, fiquei hospedada na sua casa, buscando me inserir no campo de pesquisa, conhecer as primeiras pessoas que poderiam me ajudar a me aproximar da comunidade. Eu passei a chamá-la de madrinha de inserção na pesquisa, e ela ria muito do apelido.

Béatrice logo me apresentou a um historiador especializado na região. Pedi uma entrevista com ele, e ele não somente veio ao meu encontro na casa de Béatrice para a entrevista, como me levou para conhecer a região carbonífera. Cotidianamente, passei a viajar para La Grand-Combe em um trem nada rápido. Procurei um lugar para alugar em La Grand-Combe, mas não encontrei. Os dois hotéis da cidade estavam fechados, e ninguém me soube dar alguma informação a respeito de aluguel de quarto. Finalmente, pelo jornal de Alès, consegui encontrar uma pequena peça para morar, em uma casa que pertencia a um casal, ela francesa e ele de origem espanhola, Monsieur e Madame Vuez. A partir dessa solidez, foi possível mudar-me

para um período longo de pesquisa. A viagem de retorno para Paris, agora, foi para buscar meus pertences e acomodar-me na nova morada.



FOTO 3: CASA DE BÉATRICE, MINHA PRIMEIRA MORADA EM CAMPO (ALÈS, MARÇO 1988).



FOTO 4: PARTICIPANDO DE UM FIM DE TARDE COM A FAMÍLIA VUEZ, PARA TOMAR O FAMOSO E TRADICIONAL APERITIVO (ALÈS, JUNHO, 1988).



FOTO 5: PEÇA ALUGADA PELA PESQUISADORA NA RESIDÊNCIA DOS VUEZ (ALÈS, ABRIL 1988).



FOTO 6: VISITA DE BÉATRICE NO MEU LAR TEMPORÁRIO (ALÈS, MAIO 1988).

Em Alès e em La Grand-Combe, o deslocamento doravante era predominantemente feito a pé. Em Alès ainda era possível contar com ônibus urbano, apesar de o ponto ser um pouco distante. Mas, chegando a La Grand-Combe, descobri que não havia nenhum sistema de transporte público e que todo deslocamento seria agora a pé. Pensei em conseguir uma bicicleta, mas a paisagem montanhosa do lugar me desanimou desse empreendimento, e eu não tinha carteira de motorista para pleitear o aluguel de um carro. Mas caminhar implicava enfrentar o vento Mistral, que não raro trazia a areia que diziam vir do norte da África. Emagreci bastante caminhando contra o vento e por longas horas.

Mais um último importante golpe de sorte: a filha da senhora onde eu alugara a peça para morar em Alès trabalhava e morava em La Grand-Combe, e seu marido, Ramón, era jardineiro na prefeitura. Além da entrada com o historiador que me abriu várias portas na cidade pesquisada, também esse funcionário da prefeitura me levou para conhecer alguns bairros operários e seus pais de origem espanhola, que vieram trabalhar na mina, entre outras famílias. Dessa forma, consegui entrar em uma rede de relações em La Grand-Combe e Alès, que eu cuidaria de fomentar e documentar sem cessar.

A rotina em campo

Logo estabeleci uma rotina para a pesquisa de campo que implicava aumentar a rede de relações no âmbito de famílias de mineiros, todos aposentados por tempo de serviço ou compulsoriamente, em face do fechamento das minas. Meus movimentos diários eram ou de buscar uma instituição oficial para questionar e pesquisar dados (prefeitura, escola, biblioteca municipal, empresa etc.) ou de caminhar pelos bairros operários, tentando a aproximação casa a casa. Embora as primeiras famílias com as quais interagi e para quem solicitei o consentimento para entrevistar me tivessem sido apresentadas pelo funcionário da prefeitura ou pelo historiador, eu também busquei o porta a porta. No primeiro dia solitário em que caminhei por

volta de 8 km até chegar a um conjunto de casas de mineiros de carvão na montanha Santa Bárbara, estava decidida a tentar entrar em uma casa (família) de maneira mais informal possível, sem a mediação de funcionários da prefeitura. Aproximei-me do conjunto de casas onde predominavam aquelas de um andar com pequeno jardim na frente e quintal nos fundos. Um pouco mais distante, eu podia ver outro tipo de habitação, as chamadas casernas, que eram caracterizadas por serem um edifício de no máximo um pavimento, onde uma moradia equivalia a um apartamento no térreo ou no primeiro andar.



FOTO 7: RESIDÊNCIA FAMÍLIA COURDEC, CASAS GEMINADAS COM JARDIM NA FRENTE E PÁTIO NOS FUNDOS.



FOTO 8: MONSIEUR E MADAME COURDEC LA GRAND-COMBE (1988).



FOTO 9: MADAME COURDEC MOSTRA O CARVÃO QUE ALIMENTA O FOGÃO.



FOTO 10: CASERNAS DO INÍCIO DO SÉCULO VIZINHAS A RESIDÊNCIA DA FAMÍLIA COURDEC.



FOTO 11: VISTA AÉREA DE LA GRAND-COMBE.

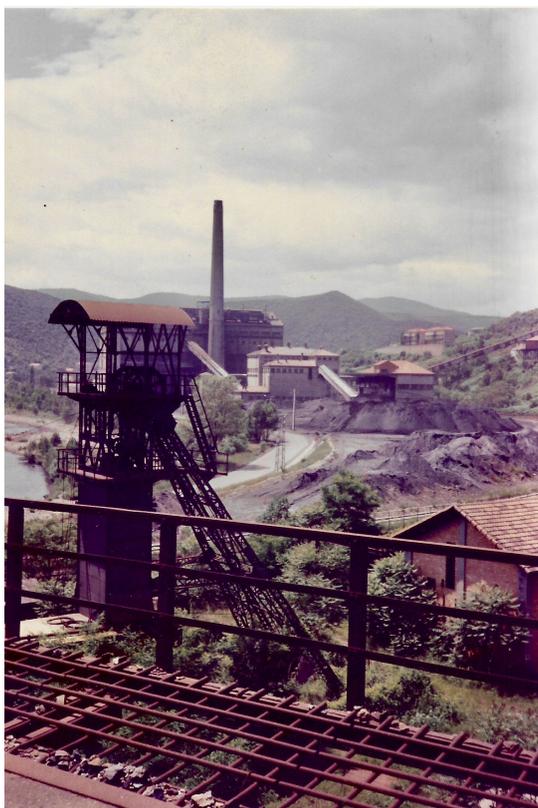


FOTO 12: VISTA DE UMA TORRE DE EXTRAÇÃO (DESATIVADA) A PARTIR DAS CASERNAS DE SANTA BARBARA.

Caminhando, avistei um senhor sentado em um banco e dirigi-me a ele, perguntando algo, como se fosse uma turista, que bairro é este, por exemplo. Mas era um senhor surdo e mudo. Agradei, sem jeito, e me afastei. Bati à porta da segunda casa geminada e fui atendida por uma senhora. Expliquei que era uma pesquisadora e que buscava conhecer o bairro e seus habitantes para tratar do trabalho mineiro e da vida de seus familiares. Sorrindo, ela pediu para que entrasse e me apresentou seu marido, sentado na cozinha. O mineiro pediu para eu sentar e perguntou o que eu gostaria de saber. Muito nervosa, quis saber se poderia gravar, pois ainda não domina-

va bem o francês para lembrar do diálogo. Ele me respondeu: “Claro, pode gravar; estou acostumado com gravações. Aliás, já fizeram um filme sobre mim, e a *National Geographic* também já me entrevistou.” Ria muito. Perguntei se ele tinha o filme, se eu podia vê-lo. Ele respondeu que não, que isso havia acontecido uns nove anos antes.

Sentados perto do fogão a lenha, percebo que ele tem problemas de locomoção. Pergunto sobre o filme em que ele havia sido protagonista. Era a história da decadência da mina. Ele havia sido uma importante liderança sindical, e o entrevistaram. “Eu fiquei famoso”, ele dizia, zombando de mim, ainda nervosa com a minha primeira entrevista em que gravaria. Eu estava atrapalhada em colocar pilhas e a fita para gravar no pequeno aparelho. Queria dar impressão de espontaneidade, mas conhecer um mineiro descolado com entrevistas deixou-me constrangida e envergonhada. O incidente foi o início de uma longa e sólida amizade com a família Courdec. As visitas ao casal, quase sempre em casa, devido à dificuldade de deslocamento, tornaram-se cada vez mais frequentes. Seu Courdec também me permitiu que eu praticasse a técnica da bola de neve, pois esse mineiro e sua esposa me indicavam a outras famílias para entrevistar.

Nos intervalos entre uma e outra entrevista, meu escritório foi a praça principal, e meu banheiro, a estação de trem. Nos dias de feira, comprava um pedaço de queijo *chèvre* ou outra iguaria da região. Em La Grand-Combe não havia supermercado ou restaurantes. Por isso, na hora do almoço, buscava uma padaria a uma quadra da praça para comprar um pão ou um croissant. A minha alimentação mais forte seria somente à noite, já no meu apartamento, em Alès. Por vezes, criava coragem e pedia um cafezinho no bar próximo à prefeitura. Por que coragem? Por ser um local predominantemente masculino e porque não me sentia à *laise* (à vontade) para confrontar olhares curiosos.¹⁵

¹⁵ Somente um ano depois, quando recebi a visita de um casal de amigos de Paris, entramos e nos sentamos no café. Conseguimos ouvir os cochichos da outra mesa, onde diziam que eu era uma professora que estava sempre na prefeitura para pesquisar.

Ao ficar sentada na praça, eu podia observar o movimento na igreja, na prefeitura, na escola, nas feiras semanais, o jogo de *pétanca*¹⁶ dos idosos e os encontros de tantas pessoas que passavam por ali. Fotografei várias vezes o movimento na feira, mas também nos dias de não feira. Nesses dias, o movimento era pequeno. Aos poucos percebi que vários idosos costumavam caminhar na praça, no ir e vir incessante e diário. Um funcionário da prefeitura, que viria a conhecer logo depois, disse-me que a praça era a rádio oficial da cidade e que por ali toda novidade era repassada e toda notícia, espalhada.



FOTO 13: FORTE SOCIABILIDADE FEMININA NO DIA DE FEIRA.

¹⁶ Petanca — *pétanque* (com os pés juntos), em francês. Jogo cujo objetivo é atingir (ou chegar o mais próximo possível) de uma bola menor, com bolas ocas de metal e posicionado de pé dentro de um círculo. É semelhante ao jogo de bocha praticado no Brasil. (Nota da revisora)



FOTO 14: FORTE SOCIABILIDADE MASCULINA NO DIA DE FEIRA.



FOTO 15: ACOMPANHO AQUI UMA INTERLOCUTORA NAS COMPRAS NA FEIRA.



FOTO 16: A FEIRA NA PRAÇA PRINCIPAL. NO FUNDO, A PREFEITURA E A ESCOLA MUNICIPAL.

De fato, na prefeitura, meu esforço de buscar dados foi apoiado por um alto funcionário concursado que era especialista em projetos sociais e que se tornou mais um uma pessoa que muito ajudou, apresentando famílias locais e permitindo consulta aos livros de registro dos habitantes. Essa mediação foi muito eficaz, e tive acesso a muitas informações sobre políticas públicas e sociais voltadas para a população local.

Por fim, outro importante local de consulta foi um antigo escritório da empresa mineradora que ainda cuidava do processo do fechamento e tombamento do patrimônio industrial. Ali tive acesso a antigas fichas dos trabalhadores, que me foram úteis para conhecer as diferentes funções de trabalho na mina.

Contudo, o mais importante era a conquista de cada família com quem pude conviver; algumas se tornaram famílias com quem pude tecer uma amizade com visitas frequentes, convites para aniversário ou festas locais. O hábito de fotografar e de obter sempre uma cópia dupla permitia a estratégia de retornar para presentear a pessoa entrevistada com uma foto do último encontro, algo que desencadeava, não raro, um sistema de reciprocidade, mais confiança e motivação para a continuidade do convívio.

Hora do aperitivo

Todos os dias, com exceção dos muito chuvosos, eu saía cedo de Alès para La Grand-Combe. Caminhava até a parada do ônibus que me deixava na estação ferroviária. De modo geral, eu não bebia nada durante o dia, para evitar a necessidade de ir ao banheiro. Nas famílias mais conhecidas, já ou-sava pedir para usar o sanitário, mas, de modo geral, evitava essa demanda.

O melhor horário para visitar as famílias que me abriam as portas sempre foi difícil de reconhecer. Não podia ser em dia de feira, pois não encontraria ninguém em casa. Não podia ser muito cedo nem muito perto do horário do almoço, para não os constranger em ter que me convidar. Aliás, nessas circunstâncias, eu dava uma desculpa de que logo teria outra família para visitar e me dirigia para o “meu escritório” (a praça) para um lanche.

O horário da meia tarde, desde que meu possível entrevistado não fosse um aficionado do jogo da petanca, era o melhor turno. Não podia chegar logo após o almoço, pois era hora da *siesta*. O ideal era a partir das 15 horas, tornava-se o horário mais profícuo para uma visita, mas, não raro, era também o tempo do *apéro* (do aperitivo), e, em várias ocasiões, não pude me furtar de aceitar beber o aperitivo, que era uma mistura de álcool destilado aromatizado com anis, chamado *pastis*.

Em uma ocasião, a família me esperava com bolos, doces e *pastis*. A mistura de comidas doces com essa bebida, com cujo gosto eu não conseguia me acostumar, teve um efeito complexo no meu organismo. E foi uma longa tarde de contenção fisiológica para uma entrevista superprodutiva, mas que me deixou doente por alguns dias.

Aos poucos, comecei a recusar a forte bebida, argumentando problemas de saúde para que a situação vivida não se repetisse. Mas não foram raras as ocasiões em que pude corresponder a um convite para almoço ou jantar. Dependendo da nacionalidade de origem, o prato podia ser algo bem

simples, como salada, uma galinha e pão, uma *paella*¹⁷ ou até o meu predileto: café com pão e queijos.

Acompanhar algumas interlocutoras na feira também era prazeroso; ajudava a carregar as compras e podia participar do ritual de convívio dos cidadãos com os camponeses que vinham de regiões de plantio próximas e, muito frequentemente, da vizinha Ardèche, conhecida por seus produtos agrícolas.

Pesquisa em Alès

Chovia pouco em Cévennes, mas, quando chovia, eu evitava ir para La Grand-Combe e ficar exposta à chuva nos meus deslocamentos. Eu aproveitava para fazer pesquisa em Alès, conhecida por sua importante universidade de Engenharia de Minas. Assim, bibliotecas bem-organizadas permitiam pesquisar materiais sobre as minas, seu funcionamento e sobre a política do carvão. Igualmente, o que restava das hulherias regionais tinha sede em Alès, onde pude ter acesso à documentação. Outrossim, importava estudar a cultura regional cévenol, na qual a gíria patoá é parâmetro linguístico importante. As referências aos movimentos de resistência ao fechamento das minas eram frequentes, e precisava entender esse processo, pesquisando nas bibliotecas e conversando com o historiador local, autor de várias obras sobre o tema.

Para apreender esse processo, é necessário entender que, no tempo da nacionalização das minas, após a Segunda Guerra Mundial, há uma operação de regionalização das minas, que tendem a se modernizar sob a razão social Houillères du Bassin des Cévennes. A referência a uma companhia paternalista, “no tempo da Companhia” (do século XIX até o ano de 1945), estava superada, e o movimento sindical crescia, sobretudo, em torno do Sindicato

¹⁷ Prato típico espanhol, originário do sudeste desse país, cuja base é arroz cozido com diferentes carnes, dependendo da região onde é preparado. Se no litoral (*paella marinera*), com frutos do mar; se no interior (*paella campera*), com diferentes tipos de carnes de caça ou de criação (porco, coelho, gado etc.). (Nota da revisora)

Operário (C.G.T) e/ou do Partido Comunista (P.C). As minas, até então sob jugo privado, são nacionalizadas e gerenciadas por uma estrutura pública. Esse sistema tinha pela frente a missão de recuperar economicamente o estado francês pós-guerra, conjuntura que foi denominada de “a batalha do carvão”, “nos tempos da nacionalização”. Trabalhadores da Europa e do Ultramar são convocados para essa batalha. As convocações prometiam condições de aposentadoria, residências, escola etc., e os *cards* espalhados nos jornais e colados em postes anunciavam o mineiro herói da pátria. O país dependia dessa força de trabalho; prometiam melhores condições de trabalho e a aprovação do estatuto dos mineiros. La Grand-Combe e a região extratora do carvão dobravam seu número de habitantes, uma população recebida com uma narrativa de heroicidade e de apego à cultura regional.



FOTO 17: CAPA DO LIVRO A BATALHA DO CARVÃO.



FOTO 18: CAPA DO LIVRO AS TRÊS BATALHAS DO CARVÃO: MINEIROS, A SORTE DA FRANÇA ESTÁ NAS TUAS MÃOS.

Do centro do mundo para o desencantamento com os tempos modernos

Nesses tempos de nacionalização, a produção chegou ao seu pico tanto quanto ao esgotamento da força de trabalho.

Em um livro técnico das hulherias da Bacia Cévenol, deparei-me com um mapa da França que marcava uma única cidade, La Grand-Combe. Desse ponto, raios dourados eram irradiados, simbolizando a riqueza econômica do país pela exploração do carvão. Pensei mesmo em fazer dessa imagem a capa da minha tese. Mas como o conceito-chave do meu estudo

era o tempo lembrado e vivido pelos interlocutores da pesquisa, optei por uma imagem que reproduzisse os tempos que eu estava testemunhando, o do fechamento das minas, o da partida de grande parcela da população jovem em busca de trabalho ou mesmo de mineiros na ativa, transferidos para outras atividades públicas, como o trabalho com energia elétrica ou com saneamento básico.

Escolhi como capa da tese a ilustração feita pela artista Malu Rocha, de uma torre de extração de carvão, que é uma imagem forte como patrimônio industrial e, em alguns casos raros, preservadas como interesse museológico. Embaixo dessa representação imponente, mais quatro quadros em que a mesma imagem vai sendo desenhada com traços cada vez mais fracos, até o último quadro ser apresentado vazio.

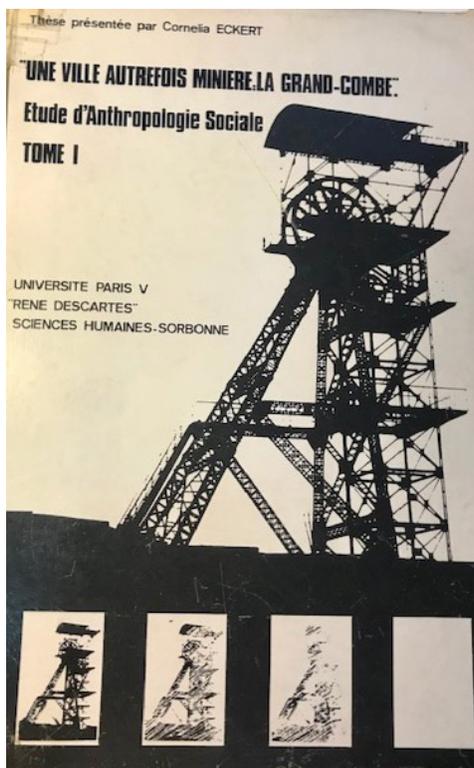


FOTO 19: CAPA DA TESE DA ARTISTA MALU ROCHA.



FOTO 20: MINEIROS APOSENTADOS JOGAM PETANCA TODOS OS DIAS COM SOL.

O processo de nacionalização recuperou de fato a economia francesa, mas a um custo de vida muito alto para os trabalhadores. Além disso, não só o esgotamento dos corpos se acentuava, mas o desgaste das minas se intensificava, e a nova energia do petróleo vinha substituir seu valor tecnológico. Agora era mais lucrativo fechar as minas, manter a importação de minas em locais onde a mão de obra não exigia direitos trabalhistas, como em alguns países africanos e na China.

A situação era extremamente complexa e contraditória para os recém considerados heróis, que agora estavam sendo rechaçados. As greves se sucedem, mas a agonia do mundo do trabalho de extração do carvão já estava selada. Em face dessa nova realidade, um forte movimento de oposição ao fechamento das minas por parte dos trabalhadores organiza-se, sobretudo pela segurança econômica de seus filhos, já que, como aposentados do Estado, a sua geração era a última com direito à renda e a benefícios de saúde do Estado-providência¹⁸.

¹⁸ *L'État providence* é o título da obra de François Ewald (1986).

É um tempo de resistência ao fim do trabalho nas minas que se mistura à alma cultural do ser pessoa cévenol, identificados por um dialeto comum, o *patois*, e por valores regionais compartilhados. Organizados por sindicatos fortes e por movimentos culturais da região, falavam de um tempo de crise e de recessão e se opunham à opulência de políticas econômicas da França central e capitalizada.

A modernidade nos traiu

As falsas promessas de ganho individual atravessaram os anos 1950 e 1960, e as greves não paravam de se reproduzir. Testemunhei, no meu prolongado campo etnográfico (1987-1990), a recessão e os impasses, mediante uma cidade esvaziada de população ativa jovem, com um patrimônio construído em grande parte, abandonado e vetusto. A nostalgia de um tempo de uma cidade efervescente economicamente não era, entretanto, uma narrativa sem contradições. Esta vinha atravessada de culpas e frustrações, por um desejo de modernização, de autonomia econômica e pela conclusão de que haviam sido enganados por esse desejo. Era um tempo de luto pela morte da mina e do trabalho mineiro que haviam interiorizado como prioritário para a economia francesa e eterno em seus valores.

Lembro-me do impacto que senti ao vivenciar uma cena nostálgica. O professor Wienón (o historiador local a que me refiro no início do texto) havia me acompanhado em uma das visitas para a vila Champclauson, um ponto de extração do carvão na região. Wienón e eu abordamos um mineiro que ele conhecia vagamente e passamos a conversar por algum tempo nas proximidades da banca de jornal de onde o trabalhador saía, segurando um jornal local. Ele contou sobre a situação de abandono na vila, que não dispunha de transporte público. Alguns dias depois, voltei de carona a essa localidade para fotografar e realizar mais uma entrevista. Logo que cheguei, perguntei na banca de jornal onde poderia encontrar o mineiro que havíamos entrevistado. O comerciante respondeu-me que o velho costumava ir ao clube do sindicato, apontando-me a direção. Ao chegar lá, encontrei o

velho mineiro solitário, jogando cartas; não havia nenhuma outra pessoa no momento. Senti que ele ficara constrangido por ser flagrado na solidão, mas me recebeu para uma conversa sobre a história sindical.

A situação de ser uma atividade estatal garantia, de qualquer forma, condições de vida para a última geração de mineiros que puderam comprar suas casas ou novas moradas, abandonadas por funcionários de maior poder aquisitivo, por preços módicos, em face de um parque imobiliário desvalorizado. Não raro, os filhos e filhas desempregados/as seguiam residindo na casa do pai com a renda da aposentadoria, mediante um cenário local de desemprego. Outro fenômeno que se acentuava era o de estigmatização desses jovens desempregados, de modo geral, filhos de trabalhadores magrebinos.

Ao certo, havia muitos projetos sociais do governo francês em atenção a esses fenômenos de racismo e à população mais velha, em que predomina o apoio a clubes de terceira idade de teatro e dança, de música, de excursões, de petanca etc. São tempos de recessão, atravessados por inovações globais tanto quanto de movimentos sociais internacionais, como o da elaboração do estatuto do idoso, de direitos humanos, de questões ecológicas etc.

A cidade em busca de uma nova vocação

Enfatizo, na última parte da minha tese, esses ritmos letárgicos na vila deserdada, atravessada por esses ares globais de valorização do lazer, do turismo, do consumo de tecnologias domésticas e de novas formas de sociabilidades. Chamo essa dinâmica do esforço de reencantamento na trama da vida cotidiana. Estava em debate o que fazer da cidade em crise e como revitalizá-la. A prefeitura propõe um plebiscito, colocando em discussão o que os habitantes gostariam que a cidade se tornasse, quais as novas vocações. O debate era polêmico. Eu entrevistara tanto habitantes que queriam que tudo fosse demolido e que a cidade começasse do zero quanto mineiros e seus familiares que desejavam manter ao máximo o patrimônio industrial, seja para receber novos empreendimentos, seja para tombar um importante número de prédios para criar um parque museológico da indústria do carvão, colocando em destaque o trabalho mineiro.

Em sua grande parte, o patrimônio construído, pertencente à empresa regional, foi demolido, como antigas casernas, antigos pavilhões e usinas, atingindo o centro da cidade e bairros espalhados. Nessa época, aproximei-me de uma liderança pelo movimento de transformação de parte do parque industrial em área tombada para a museologização do lugar. Já estava no final do meu trabalho de campo em 1990, quando voltei a procurar um mineiro que havia entrevistado e encontrado em diversas ocasiões. Dessa vez, eu o procurava por saber, pelo jornal local, que ele havia se posicionado contra o projeto do novo prefeito, que pretendia transformar o vale negro do carvão em vale verde, para a construção de um clube internacional de golfe.

Posso dizer que, nos meses finais da minha pesquisa de campo, o mineiro aposentado Pezon e sua esposa se tornaram uma importante referência de apoio e de solidariedade para a fase final da minha pesquisa. Pezon apresentou-me a vários mineiros que tinham em suas casas objetos, vestimentas e outros rastros do trabalho mineiro. Um, entre eles, havia transformado uma peça de sua casa em um minimuseu. Todos esperavam pela revitalização dos antigos escritórios da companhia para serem transformados em museu da mina de La Grand-Combe. De fato, o principal prédio administrativo terminou por abrigar o museu do mineiro.

Com vistas ao ritual de defesa

Em 1991, precisava retornar ao Brasil para assumir disciplinas na universidade, mas queria defender a minha pesquisa antes do retorno previsto para julho daquele ano. A tese estava quase finalizada e revisada por um profissional; faltava um último capítulo e a montagem do tomo de imagens (Tomo III). Tentei impor um ritmo acelerado de trabalho em janeiro, visualizando defender em março. Mas, infelizmente, adoeci de tal maneira que não conseguia mais sustentar as longas horas de concentração. Lembro-me ainda hoje de quando deu um estouro dentro da minha cabeça e, a partir desse momento, a sensação de vertigem. Busquei ajuda médica, que avaliou um acentuado estresse. Comprei todos os medicamentos e vários suportes para

sustentar minha coluna e a região do pescoço. Contudo, debilitada, resolvi retornar ao Brasil e assumir as disciplinas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em Porto Alegre, fiquei residindo na casa da minha irmã Clarissa. Com o apoio familiar e de amizades, logo me recuperei e finalizei a escrita da tese. Mais uma vez, recorri a uma segunda revisão da língua francesa por um profissional residente em Porto Alegre. As cópias obrigatórias a serem entregues na secretaria da Sorbonne foram levadas pela colega Ondina Fachel Leal, que viajara para Paris para um estágio-trabalho, portando duas cópias de três tomos da minha tese em sua mala.

Retornei para a França em março de 1992, para a defesa. Aproveitei a ocasião para levar cópias da minha tese com o propósito de doá-las à biblioteca da escola, à prefeitura e ao museu da mina de La Grand-Combe. Visitei a família Pezon e fomos juntos conhecer o museu. Deixei uma cópia da minha tese para o museu. Pouco tempo depois, Monsieur Pezon enviou-me uma carta com recortes de jornais que diziam que a doutora brasileira havia defendido tese na Sorbonne sobre La Grand-Combe e doado exemplares para instituições locais.

Aliás, seu Pezon e familiares estavam presentes na minha defesa de tese na Sorbonne, em Paris, e ele reagiu à crítica do meu orientador, Antoine Prost, que reclamava que eu devia ter dado mais atenção ao movimento de resistência durante a Segunda Guerra, em La Grand-Combe. Seu Pezon não teve papas na língua e opôs-se, dizendo que isso não era verdade, que não houvera movimento de resistência importante na La Grand-Combe e que a reclamação era injusta. Como na França a pessoa que defende fica de costas para o público e de frente para o júri avaliador, não resisti em me virar e agradecer ao Sr. Pezon.

O famoso *pot* (aperitivo após rituais de encerramento), deu-se em um bar na praça da Sorbonne, acompanhado pelos orientadores, Prost e Gutwirth, e por amigas brasileiras, como Carmen Rial, Ana Luiza C. da Rocha, Sandra Pesavento, Isabel Malmann, Silvia Petersen, Sônia Maluf, Erickson Gavazza.

La Grand'Combe et la Brésilienne

■ Arrivée à Paris en 1986 pour écrire une thèse, la Brésilienne, Cornélia Eckert fit son choix sur «une ville autrefois minière, La Grand'Combe». Professeur d'anthropologie sociale à l'université du Rio Grande Do Sul, où s'extrait du charbon (sans aucune aide sociale pour les mineurs !), Cornélia souhaitait enquêter sur le travail minier traditionnel et moderne, puis disparu... comme cela peut arriver dans sa patrie.

Le 2 mai, elle regagnera Porto Alègre et son poste d'enseignante, un mois après avoir soutenu en Sorbonne/Paris V, sa thèse de doctorat d'état reçue avec mention très honorable. Plus de mille pages, en trois tomes, furent les résultats de quatre années de travail, d'enquêtes aux écoles des Mines de Paris et d'Alès et auprès des «gueules noires» de chez nous.

Logiquement, parce qu'elle agissait dans le cadre d'un accord franco-brésilien d'échanges d'étudiants et d'enseignants, elle offrit les deux tomes rédigés de ses recherches aux archives municipales d'Alès (Fort-Vauban), et à la bibliothèque de La Grand'Combe.

Désormais, ceux qu'intéressent le passé minier ou qui veulent approfondir un des points traités pourront consulter ces écrits, (le troisième tome difficile à reproduire comprend des cartes et des graphiques) concernant le changement rapide des paysages, la disparition d'un métier et d'une culture : patrimoine historique et paternalisme, nationalisation et modernisation, souffrance devant la crise et la léthargie de la cité.

Félicitations à Cornélia et merci pour ce don précieux à nos archives.

FOTO 21: ARTIGO NO JORNAL LOCAL.

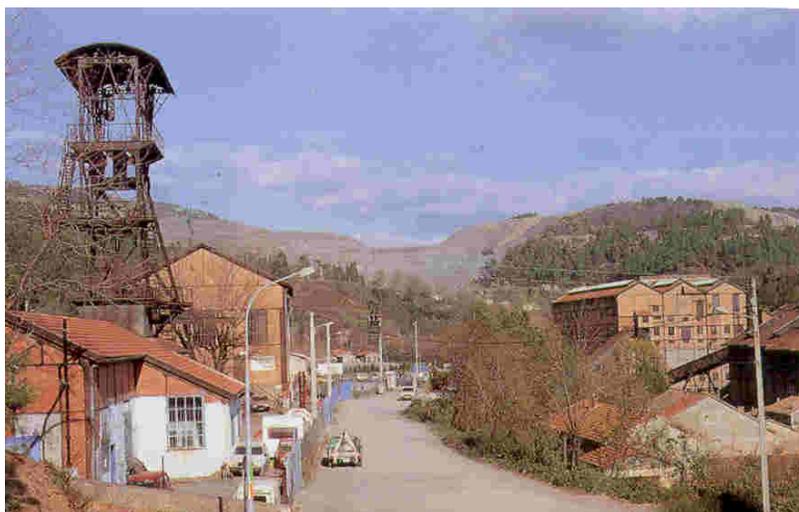


FOTO 22: VISTA DE LA GRAND-COMBE, AINDA EM 1989.



FOTO 23: FOTO TIRADA POR SILVIA PETERSEN EM FRENTE A UNIVERSIDADE DE PARIS V, SORBONNE, ABRIL DE 1992.



FOTO 24: COMEMORAÇÃO DA DEFESA DE TESE COM AS AMIGAS CARMEN RIAL E ANA LUIZA CARVALHO DA ROCHA, PARIS, ABRIL 1992.

Dos retornos e continuidades

Em 2001, por ocasião de um pós-doutoramento na França voltado à especialização em Antropologia Visual, pude retornar a La Grand-Combe, acompanhada das amigas Carmen Rial e Miriam Grossi. Ainda encontrei madame Courdec, mas seu marido já havia falecido; também seu Pezon e o funcionário da prefeitura que me havia ajudado haviam falecido. O vale negro que cortava a cidade havia sido substituído por um misto de parque verde, uma praça cimentada onde se encontravam aparelhos para lazer infantil.

A visita fora rápida, e não retornei mais para La Grand-Combe. Alguns cartões que mandava para famílias amigas tornaram-se cada vez mais raros. Ainda tive a oportunidade de rever Béatrice, desta vez em Paris, antes de retornar ao Brasil, no final de 2001. Depois disso, perdi o contato. Sempre busco reencontrá-la e descobri no Google que fora eleita vereadora por um partido de esquerda em Alès. Escrevi para a Câmara de Vereadores, mas ainda não obtive um retorno.

Fiz ainda vários esforços para publicar a tese na França, buscando apoio das câmaras de comércio da região, mas sem sucesso, embora no relatório da defesa estivesse recomendada a publicação da tese tal como ela havia sido apresentada e defendida. Enfim, retornava ao Brasil e para o trabalho acadêmico na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tive a oportunidade de publicar vários artigos e capítulos sobre a tese e, finalmente, um resumo da pesquisa na forma de livro, em 2012, com o título *Memória e trabalho: etnografia da duração de uma comunidade de mineiros de carvão (La Grand-Combe, França)*, que eu mesma financiei, publicando pela Appris (Curitiba).

É interessante receber de vez em quando alguma repercussão da tese de algum novo estudante que volta ao tema, dando continuidade à saga da antropologia da classe operária na França ou no Brasil. No Brasil, tive a oportunidade de orientar uma dissertação que retomava minha pesquisa de mestrado e dava continuidade ao tema, agora na cidade vizinha de Minas

do Leão, com base na extração de carvão em companhia estadual. Conheci Marta Cioccarri como aluna de mestrado na disciplina de Metodologia, e ela me contou que fizera uma reportagem premiada (por ser jornalista) sobre os mineiros de Minas do Leão. Conteí para ela minha experiência no Brasil e na França. Tempos depois, ela decidiu abandonar seu tema original e pediu que a orientasse na pesquisa sobre Minas do Leão. Perguntei o que a havia feito mudar de tema, e ela respondeu-me que tivera um “sonho de iniciação”, no qual ela via um par de botinas de couro marrom escuro, em cuja parte posterior estava escrito *Charbon*. As botas haviam sido emprestadas por mim. De fato, todas minhas caminhadas em La Grand-Combe foram feitas com uma botina marrom, e Marta e eu ficamos impressionadas com o sonho que a motivara a mudar de tema e de grupo de pesquisa.¹⁹

Também foi benéfico ver um grande placar com a fotografia da tese, exposta no 25 aniversário do acordo Capes/Cofecub, comemorado no Rio de Janeiro em 2004, ocasião em que recebi uma medalha de reconhecimento de um programa de doutoramento bem-sucedido. Na realidade, muitos e muitas colegas puderam beneficiar-se desse acordo, que ainda persiste como política de internacionalização dos estudantes brasileiros.

No momento em que escrevo, esse intercâmbio está interrompido devido à grave crise sanitária mundial, a pandemia causada pelo vírus Covid 19. Há mais de um ano, a universidade em que trabalho se encontra fechada, e todas as atividades ocorrem de forma remota. Mas não somente essa crise embala estes tempos de lembranças e de escrita; vivemos um tempo de desgovernança no país, sob o regime de um mandatário inescrupuloso.

¹⁹ Marta Cioccarri narra este e outro sonho de iniciação em artigo intitulado “Reflexões de uma antropóloga ‘andarina’ sobre a etnografia numa comunidade de mineiros de carvão”, publicado na *Revista Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 217-246, jul.-dez. 2009. Marta também seguiu com o tema sobre os mineiros de carvão em Minas do Leão em sua tese de doutorado, agora orientada por José Sérgio Leite Lopes, passando um período sanduíche na França, na cidade de Creutzwald, que abrigou a última mina de carvão no país, fechada em 2004.

Não menos importante é destacar a desgovernança no estado e na cidade onde moro, Porto Alegre, com destaque para uma ameaça atual, a da exploração de veias de carvão na superfície (mina a céu aberto), a 900 metros do rio Jacuí. É uma região próxima a muitas cidades e à capital. Tal situação foi gerada pela aprovação da proposta de mudança sugerida pelo atual governador, Eduardo Leite, do Código Estadual Ambiental do Rio Grande do Sul. Segundo Flávio Tavares, esse código foi “elaborado durante dez anos, ouvindo todos os setores da sociedade — porque, afinal, meio ambiente envolve toda a sociedade. A partir dessa alteração no Código, a situação é cada vez pior, porque as questões ambientais, por parte do poder público, deterioram-se. É como se estivéssemos brincando com o meio ambiente, como se o planeta fosse um brinquedo” (Tavares, 2021), colocando em risco a qualidade do ar, a sustentabilidade das águas dos rios próximos, ameaçando de desapropriação populações quilombolas e indígenas que moram nas adjacências da área a ser explorada, além de tornar o rio Jacuí um “lixão químico”, palavras do professor da UFRGS, Rualdo Menegat (2019), e, como principal afluente do lago Guaíba, que abastece a reunião metropolitana, transformando-o em um “lago podre”, nas palavras de Flávio Tavares (2021)²⁰. Os tempos de crise não dão trégua. Resta o trabalho de resistir, superar e seguir nas rítmicas da duração.

Referências

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *Esquisse d'une théorie de la pratique précédé de Trois études d'ethnologie kabyle*. Genève, Droz, 1972.

²⁰ Carvão, aqui não. https://www.observatoriodocarvao.org.br/na-contramao-energetica-rio-grande-do-sul-discute-nova-usina-a-carvao/?fbclid=IwAR1tc6plrLdl92w-6q8XYdB7FOPsUoQpqVE36vzpn_QP_gju14c9y8urqDU

CIOCCARI, Marta. “Reflexões de uma antropóloga ‘andarina’ sobre a etnografia numa comunidade de mineiros de carvão.” *Revista Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 217-246, jul/dez 2009.

DAS, Veena. *Critical Events. An Anthropological Perspective on Contemporary India*. Nova Delhi, Oxford Univ. Press, 1995.

ECKERT, Cornelia. Os homens da mina: um estudo das representações e condições de vida dos mineiros de carvão de Charqueadas RS. *Dissertação de mestrado*. Orientador: Ruben Oliven. Porto Alegre, PPGAS IFCH UFRGS, Ano de Obtenção: 1985.

ECKERT, Cornelia. Une ville autrefois minière: étude anthropologique La Grand-Combe France. *Doctorat*. Volumes I, II, III. Paris V, Sorbonne, Université Renne Descartes. Orientador: Jacques Gutwirth Coorientador: Antoine Prost. Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES. Paris, 1992.

ECKERT, Cornelia. *Memória e trabalho: etnografia da duração de uma comunidade de mineiros de carvão (La Grand-Combe, França)*. Curitiba, Ap-
pris, 2012.

EWALD, François. *L'Etat providence*. Paris, Bernard Grasset, 1986.

FORTIN, André. *Histoires de Familles et de Réseaux*. La sociabilité au Québec d’hier à demain. Montréal, Les Éditions Saint-Martin, 1987.

FOUCAULT, Michel. *Surveiller et punir: Naissance de la prison*. Paris, Ed Gallimard, 1975.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo, Perspectiva 1983.

LEITE LOPES, José Sérgio. *O Vapor do Diabo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

LEVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Tropiques*. Paris, Librairie Plon, 1955.

LEVI-STRAUSS, Claude. *L'identité*. Paris, Quadrige/PUF, 1983.

MAUSS, Marcel. *Sociologie et anthropologie*. Paris, Quadrige/PUF, 1985.

MENEGAT, Rualdo. <http://www.ihu.unisinos.br/591209-mina-guaiba-e-o-sucateamento-da-fiscalizacao-ambiental-entrevista-especial-com-rualdo-menegat>. 2019. Consulta 31 de julho 2019.

MORAES FILHO, Evaristo. (Org.). O estrangeiro. In: *Simmel. Sociologia*. São Paulo, Editora ática S.A., 1983. P. 182-188.

OLIVEN, Ruben G. *A antropologia de grupos urbanos*. Petrópolis, Vozes, 1983.

PUECH. La Compagnie de La Grande-Combe. Société Anonyme – Capital 6.375. Paris, Ecole Nationale des Mines, 1901. Tome I, II, III. *Manuscrit*.

RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris, Points, 1996.

SCHWARTZ, Olivier. *Le monde privé des ouvriers, hommes et femmes du Nord*. Paris, PUF, 1990.

TAVARES, Flávio. Projeto Mina Guaíba revela sociedade de consumo que leva à perda de valores essenciais e aos retrocessos. Entrevista especial com Flávio Tavares. A partir do projeto que quer minerar carvão nas margens do rio Jacuí e quase dentro de Porto Alegre, jornalista reflete sobre fissuras no tecido social que gera degradação humana e ambiental. <http://www.ihu.unisinos.br/611820-projeto-mina-guaiba-revela-sociedade-de-consumo-que-leva-a-perda-de-valores-essenciais-e-aos-retrocessos-entrevista-especial-com-flavio-tavares>. Consulta 10 agosto 2021.

TREMPE, Rolande. *Les Mineurs de Carmaux, 1848 – 1914*. 2 vols., Paris, Editions Ouvrière, 1971.

WIENIN, Michel. *Le pays d'Alès*. Alès, Saber, 1986.